REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO E A COMUNICAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: BARREIRAS E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM TEA

AUTISM DIAGNOSIS AND SCHOOL-FAMILY COMMUNICATION: BARRIERS AND OPPORTUNITIES FOR THE EDUCATION OF STUDENTS WITH ASDWALDIZE DE LOURDES

Waldize de Lourdes Rodrigues Pinheiro
Especialista em Administração Escolar, Supervisão e Orientação pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci – (UNIASSELVI)
E-mail: profphabiopinto@gmail.com

Fábio Coelho Pinto
Doutor em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University - (VCCU), SEDUC-PA, Brasil.
E-mail: profphabiopinto@gmail.com

Recebido: 01/10/2025 – Aceito: 09/10/2025

Resumo

Este trabalho analisa as barreiras e possibilidades da comunicação entre escola e família no processo educativo de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A inclusão escolar desses estudantes demanda uma parceria efetiva entre instituições escolares e familiares, pautada em um diálogo contínuo, transparente e colaborativo. Por meio da análise de entrevistas com mães e professoras, identificou-se que a comunicação aberta e o monitoramento constante são essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos. O diagnóstico do TEA transforma a participação familiar, que se torna mais cuidadosa e engajada, reforçando a importância do alinhamento entre escola e família para garantir práticas pedagógicas inclusivas e individualizadas. O estudo evidencia que superar as barreiras comunicacionais exige a valorização das experiências familiares, o uso de múltiplos canais de diálogo e o compromisso institucional com metodologias flexíveis e formação docente. Conclui-se que a comunicação eficaz é um pilar estruturante para a inclusão escolar e para a construção de uma educação justa, humana e equitativa.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Parceria Educativa; Inclusão Escolar.

Abstract

This study analyzes the communication between school and family in the education of students with Autism Spectrum Disorder (ASD), highlighting communication as a fundamental pillar for successful inclusion. The diagnosis of autism clarifies the specific needs of the student and requires institutional sensitivity to prevent stigma and foster an effective and respectful partnership. Overcoming communication barriers involves investing in dialogical practices grounded in active listening, respect for family experiences, and the collective development of pedagogical strategies. Collaboration between school and family must go beyond occasional meetings, establishing a continuous and intentional process that includes pedagogical planning, monitoring of student development, and joint evaluation of outcomes. The inclusion of students with ASD demands that mainstream education adopt flexible methodologies sensitive to diversity,

ensuring not only access but also retention and meaningful participation. This commitment requires teacher training, institutional reorganization, and coherent public policies aligned with inclusive education principles. Promoting effective communication between family and school means fostering a cultural transformation within the school community, recognizing difference as a value and partnership as a pathway toward a more just, humane, and equitable education.

Keywords: Inclusive Education; Autism Spectrum Disorder (ASD); Educational Partnership; School Inclusion.

1. Introdução

A inclusão educacional configura-se como um dos principais desafios contemporâneos para o sistema escolar, demandando a reorganização das práticas pedagógicas, das relações institucionais e da participação das famílias. No contexto da educação especial, a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) impõe demandas específicas, dado que esses alunos apresentam particularidades que exigem atenção pedagógica individualizada e estratégias de acompanhamento diferenciadas.

Assim, a comunicação entre escola e família emerge como um eixo fundamental para a efetivação da inclusão, visto que o diálogo estruturado e contínuo permite a construção compartilhada de saberes, o alinhamento de expectativas e o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e sensíveis às necessidades dos alunos.

O diagnóstico do TEA, além de esclarecer as necessidades específicas do educando, mobiliza as famílias a assumirem uma postura mais ativa e cuidadosa em relação à participação no processo educacional. Entretanto, essa mobilização nem sempre é acompanhada por estratégias institucionais adequadas, o que pode gerar barreiras comunicacionais e aumentar o risco de exclusão social e educacional.

Muitas famílias, imersas em contextos de insegurança, medo do preconceito e desconhecimento, tendem a manter seus filhos em ambientes restritos, restringindo o acesso e a permanência desses alunos no ensino regular.

Portanto, é imprescindível que as escolas adotem práticas dialogais

pautadas na escuta ativa, no reconhecimento do conhecimento familiar e na corresponsabilização, superando abordagens unilaterais que transferem integralmente para os pais a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso escolar dos alunos.

Neste sentido, o presente estudo busca compreender como se configuram as relações comunicativas entre escola e família no processo educativo de alunos com TEA, ressaltando a importância da parceria educativa para a construção de ambientes inclusivos e acolhedores.

A investigação aborda a percepção de mães e professoras acerca da comunicação estabelecida, destacando a necessidade de canais diversificados e acessíveis, a promoção de eventos escolares que incentivem o engajamento familiar e o acompanhamento sistemático das demandas específicas desses estudantes.

Ao evidenciar o papel transformador da comunicação na inclusão escolar, este trabalho reforça a necessidade de formação docente, reorganização institucional e políticas públicas alinhadas aos princípios da educação inclusiva, que valorizem a diferença e promovam a equidade no acesso e na permanência dos alunos com TEA no ensino regular.

2. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender as relações comunicativas entre escola e família no contexto da educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo de caso, conforme Yin (2015), é uma metodologia que permite a investigação aprofundada de um fenômeno dentro de seu contexto real, sendo especialmente adequada para analisar as complexas interações e dinâmicas presentes na inclusão escolar.

A pesquisa foi realizada em uma escola de educação infantil que atende alunos com necessidades educacionais especiais, incluindo estudantes diagnosticados com TEA. Para a coleta dos dados, adotou-se o uso de

entrevistas semiestruturadas com mães de alunas com TEA e professoras envolvidas no atendimento educacional especializado. Bardin (2011) destaca que as entrevistas semiestruturadas favorecem a flexibilidade e a profundidade na obtenção de informações, possibilitando a expressão das experiências e percepções dos participantes.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), que permite a organização, interpretação e categorização dos dados qualitativos, facilitando a identificação dos principais temas relacionados à comunicação e parceria entre família e escola no processo de inclusão.

A escolha das mães e professoras como sujeitos da pesquisa está alinhada à perspectiva de Silveira e Wagner (2009), que ressaltam a importância da participação de ambos na construção do processo educativo, proporcionando uma visão multifacetada da comunicação escola-família. Essa abordagem dialoga também com os princípios de Vygotsky (1998), que valoriza as interações sociais para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

Em relação às questões éticas, o estudo seguiu rigorosamente as diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o anonimato, a confidencialidade e o consentimento informado dos participantes, respeitando os direitos humanos e a dignidade dos envolvidos.

4. Resultados e Discussão

4.1

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um marco significativo na dinâmica familiar, provocando reconfigurações identitárias e alterando a interação da família com diversas esferas sociais, especialmente a escola. Essa reestruturação demanda não apenas ajustes práticos na rotina cotidiana, mas também uma profunda reelaboração subjetiva, envolvendo sentimentos complexos como o luto pelo filho idealizado, incertezas quanto ao

futuro e a necessidade de ressignificação de expectativas.

Muitas famílias se veem envolvidas em um processo contínuo de aprendizagem e adaptação, buscando compreender as especificidades do transtorno, as formas adequadas de comunicação e os direitos garantidos pelas políticas públicas de inclusão.

A ausência de informações acessíveis e a insuficiência de serviços especializados acentuam as vulnerabilidades dessas famílias, que frequentemente enfrentam preconceitos e invisibilidade social. Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de uma rede institucional intersetorial capaz de acolher, orientar e fortalecer a autonomia das famílias, garantindo-lhes condições para exercer plenamente seu papel no desenvolvimento da criança.

Silva (2009) ressalta que famílias de pessoas com deficiência enfrentam obstáculos cotidianos, muitas vezes sem preparação adequada para essa nova realidade, demandando um processo contínuo e dinâmico de adaptação e reconstrução. Nesse contexto, é comum que os familiares experimentem sentimentos ambíguos, tais como negação, culpa, medo e insegurança, os quais impactam diretamente a organização da rotina doméstica, as relações afetivas e o planejamento futuro.

A falta de uma rede de apoio eficaz, associada à desinformação e ao difícil acesso a serviços especializados, intensifica o sentimento de isolamento vivido por muitos pais e cuidadores. Assim, o estabelecimento de vínculos sólidos com profissionais da saúde e da educação revela-se fundamental para o enfrentamento coletivo das dificuldades e a promoção de um ambiente mais equilibrado e acolhedor.

Após o diagnóstico, as famílias assumem novas e complexas responsabilidades. Conforme Gomes (2015), essas famílias enfrentam desafios relacionados à escassez de atividades de lazer e educacionais adequadas, o que pode comprometer a integração social e o desenvolvimento da criança.

Este estudo busca compreender não apenas os desafios cotidianos enfrentados pelas famílias, mas também os efeitos subjetivos e emocionais decorrentes do diagnóstico. Diante da carência de políticas públicas e suporte institucional eficazes, é fundamental investigar como o momento do diagnóstico reverberou na

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

dinâmica familiar, especialmente em termos emocionais e psicológicos. Para tanto, foi direcionada à mãe da aluna diagnosticada com TEA a seguinte pergunta:

Quadro 01 – O Diagnóstico e o impacto familiar

Categoria	**Trecho da Entrevista**
Antecipação e Reconhecimento Precoce de Sinais	"Quando a minha filha tinha seis meses, já percebemos que ela apresentava algum problema, porque ela era muito mole e não sentava; demorou para sentar..."
Desafios no Acesso ao Diagnóstico	"...procuramos um neuropediatra, mas aqui não havia esse especialista, então tivemos que ir para Belém para conseguir uma consulta."
Processo de Aprendizagem e Aprofundamento Familiar	"...procurei me aprofundar no assunto, pesquisei, estudei, fiz uma pós-graduação em educação inclusiva e atualmente estou cursando um mestrado focado em autismo."
Impacto Emocional e Estratégias de Enfrentamento	"Foi um impacto muito grande... O impacto emocional foi muito forte para mim e para o meu marido; desde então, tentamos nos fortalecer e aconselhar um ao outro nessa jornada, que não é nada fácil."

Fonte: Os autores

Diante do exposto, evidencia-se que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) configura-se como um marco na vivência familiar, caracterizado por um processo contínuo de percepção, busca pelo diagnóstico e enfrentamento de desafios que antecedem a confirmação clínica da condição. Na entrevista, a mãe participante relatou que o impacto emocional e psicológico teve início antes da confirmação diagnóstica, desde os primeiros sinais percebidos ainda nos primeiros meses de vida da filha.

Esse relato evidencia tanto o acesso precoce a informações sobre características autísticas quanto o sofrimento antecipado, associado à incerteza e à ausência de suporte especializado no município de origem. Tal cenário, marcado pela dificuldade de acesso a profissionais especializados, como neuropediatras, exigiu deslocamentos frequentes para centros urbanos como Belém.

No que tange às dificuldades de acesso a serviços especializados, Almeida e Neves (2018) destacam que "a explosão de diagnósticos de TEA impõe que sejam articuladas alternativas clínicas para esses grupos familiares que, assim como as crianças, terão que lidar com todos os custos da atribuição de uma

insígnia psiquiátrica" (p. 100). Contudo, embora a escuta psicanalítica tenha sido realizada na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (CLIPS) e as autoras tenham discutido a relação entre diagnósticos médicos de autismo e programas de reforço escolar ou terapêuticos, pouco se enfatiza a interface entre família e escola.

De forma similar, Pinto et al. (2018) investigaram o impacto do diagnóstico de autismo nas dinâmicas familiares, ressaltando as reações iniciais, as alterações nas relações familiares e a sobrecarga materna decorrente do cuidado da criança autista. Os autores evidenciam que a comunicação do diagnóstico deve ser conduzida por profissionais de saúde adequadamente preparados para orientar as famílias, auxiliando-as no enfrentamento das dificuldades impostas pela síndrome e na conquista de autonomia no cuidado.

Outro aspecto relevante destacado pela entrevistada refere-se ao esforço de ressignificação e elaboração da condição da filha por meio da busca ativa por conhecimento, refletido na sua formação acadêmica voltada para a educação inclusiva e o autismo. Essa postura configura um movimento de empoderamento diante da adversidade, no qual o impacto emocional é canalizado em ações propositivas de cuidado, acolhimento e qualificação profissional. Ademais, o relato ressalta a complexidade da experiência familiar frente ao TEA, evidenciando não apenas as dificuldades práticas, mas também os abalos emocionais e a necessidade constante de fortalecimento mútuo, especialmente no âmbito do casal, diante dos desafios contínuos e da resiliência exigida.

Assim, a fala da mãe corrobora os apontamentos de Gomes (2015) sobre a escassez de recursos e serviços acessíveis, ampliando a compreensão do impacto do diagnóstico ao demonstrar que esse processo envolve dimensões emocionais profundas e mobilizações pessoais significativas, sobretudo quando a deficiência é vivenciada diretamente e afetivamente. Complementarmente, Fadda e Cury (2019) destacam que, apesar das limitações impostas pela condição, o relacionamento afetivo entre pais e filhos pode ser potencializado por meio do suporte psicológico aos cuidadores, promovendo vínculos mais fortes e uma melhor compreensão da condição do filho.

Essas autoras enfatizam ainda que o diagnóstico de autismo desencadeia

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

uma nova compreensão acerca do filho, na qual as mães tendem a desenvolver uma relação de exclusividade, frequentemente negligenciando o cuidado pessoal em função desse vínculo (Fadda; Cury, 2019). Diante dessa reconfiguração do vínculo materno-filial promovida pelo diagnóstico, torna-se necessário compreender os impactos dessa nova dinâmica na rotina familiar. A centralidade que o filho com TEA passa a ocupar na vida da mãe implica, frequentemente, uma reorganização profunda das rotinas, prioridades e das relações familiares ampliadas.

Neste contexto, a pergunta “De que forma a rotina familiar mudou após o diagnóstico?” busca compreender, por meio do relato materno, como essa nova percepção sobre o filho influenciou as práticas diárias, os papéis assumidos no ambiente doméstico e as renúncias decorrentes das demandas específicas da criança. A partir desta pergunta, foi possível identificar as seguintes questões centrais:

Quadro 02 – mudanças após o diagnóstico

Categoria	**Trecho da Entrevista**
Antecipação e reconhecimento precoce dos sinais	“Quando a minha filha tinha seis meses, já percebemos que ela apresentava algum problema, porque ela era muito mole e não sentava; demorou para sentar...”
Barreiras no acesso ao diagnóstico	“...procuramos um neuropediatra, mas aqui não havia esse especialista, então tivemos que ir para Belém para conseguir uma consulta.”
Busca ativa por conhecimento e formação	“...procurei me aprofundar no assunto, pesquisei, estudei, fiz uma pós-graduação em educação inclusiva e atualmente estou cursando um mestrado focado em autismo.”
Impacto emocional e estratégias de enfrentamento	“Foi um impacto muito grande... O impacto emocional foi muito forte para mim e para o meu marido; desde então, tentamos nos fortalecer e aconselhar um ao outro nessa jornada, que não é nada fácil.”

Fonte: Os autores

O depoimento da mãe evidencia, de forma concreta, as implicações práticas do diagnóstico de TEA na organização da vida familiar, corroborando os apontamentos de Fadda e Curry (2019) sobre a centralidade que o filho passa a ocupar na dinâmica doméstica. Nota-se que a rotina familiar foi profundamente

impactada pela necessidade de inserir a criança em um conjunto de atendimentos terapêuticos especializados, os quais exigem presença frequente e disponibilidade temporal por parte dos responsáveis.

A fala revela que, mesmo antes da confirmação diagnóstica, já havia uma mobilização intensa em torno do cuidado com a criança, o que demonstra como os indícios do transtorno configuravam exigências particulares no cotidiano da família.

Por outro lado, a adequação dos horários, a constância dos deslocamentos e a priorização das demandas clínicas da filha reforçam a ideia de uma reestruturação quase total da rotina familiar, em que o cuidado materno se sobrepõe a outras dimensões da vida pessoal e coletiva.

Dessa forma, o relato ilustra a sobrecarga e o comprometimento que recaem, sobretudo, sobre a figura materna, cuja vida passa a ser pautada, em grande medida, pelas exigências do acompanhamento terapêutico contínuo. Ao analisar a sobrecarga materna após o diagnóstico de autismo, Sulzbach (2019) mostrou que 74% das mães apresentaram sobrecarga de grau moderado a grave, com forte associação entre comportamentos aberrantes das crianças e a carga de cuidado materno. Além disso, o estudo conclui que mães de crianças com sintomas mais graves de TEA têm maior risco de desenvolver problemas de saúde mental devido à sobrecarga emocional.

Ao analisar as experiências das mães de crianças autistas no processo de diagnóstico e tratamento, bem como as implicações desse diagnóstico no contexto familiar, Ribeiro (2019) enfatizou que, apesar dos desafios específicos, as mães enfrentam as mesmas emoções e dificuldades de qualquer mãe. Além disso, a autora ressalta a necessidade de uma melhor capacitação dos profissionais de saúde e apoio às famílias, visando intervenções precoces e orientações adequadas sobre as terapias disponíveis (Ribeiro, 2019).

De modo geral, embora a maioria dos trabalhos se concentre na família como um todo, a mãe é a figura que mais se sobressai no contexto do diagnóstico de autismo e deficiência intelectual. Além disso, há um impacto substancial na dinâmica familiar, pois muitas vezes um dos pais precisa reduzir ou abandonar suas atividades profissionais para se dedicar ao cuidado do filho, resultando em pressão financeira e aumento das despesas.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

As demandas constantes de cuidado especializado também podem gerar estresse emocional e físico para os cuidadores, afetando a qualidade de vida de toda a família. A falta de apoio adequado e de redes de suporte agrava ainda mais essas dificuldades, tornando essencial a implementação de políticas e serviços que ofereçam assistência abrangente e eficaz (Gomes, 2015).

Os estudos de Colomé et al. (2023), Pinto et al. (2018) e Fadda e Cury (2019) observaram que as mães, além de lidarem com a sobrecarga emocional e os desafios diários do cuidado, mantêm uma relação mais intensa e exclusiva com seus filhos. Apesar disso, as lacunas nos estudos apontam para a escassez de uma abordagem mais integrada com a área da educação, que poderia oferecer uma melhor colaboração entre família e escola. Além disso, poucos estudos aprofundam a importância de intervenções educacionais adequadas ou da capacitação de profissionais da saúde e da educação, aspectos fundamentais para o apoio efetivo às famílias e para a promoção da autonomia das crianças com autismo e deficiência intelectual.

Diante dessa lacuna de estudos, torna-se imprescindível compreender, a partir da vivência de profissionais que atuam diretamente com o público-alvo, como se manifesta, na prática escolar, o impacto do diagnóstico de autismo.

Quadro 03 – A prática escolar após o diagnóstico de autismo

Categoria	**Trecho da Entrevista**
1. Diagnóstico como base para intervenção pedagógica	“O diagnóstico traz um impacto muito significativo pois é através dele que podemos trabalhar da melhor maneira com esse aluno facilitando o seu desempenho através das atividades adaptadas assim também como melhorar suas relações dentro do ambiente escolar.” (Professora 01)
2. Variabilidade individual do impacto	“...alguns alunos com autismo apresentam altas habilidades em áreas específicas como a matemática ou a memorização enquanto outros podem enfrentar dificuldades com habilidades executivas como a organização e o planejamento.” (Professora 02)
3. Dificuldades iniciais na comunicação e interação social	“As primeiras dificuldades dos alunos autistas são uma dificuldade de comunicação e interação social... dificuldade para iniciar e manter um diálogo, dificuldade para expressar suas vontades por meio de gestos e representatividade...” (Professora 03)

4. Estratégias pedagógicas para o desenvolvimento inclusivo	“As estratégias trabalhadas são brincadeiras, encenação e uso de suporte visual, desenvolvimento de habilidades acadêmicas como trabalhar em grupo, cooperar, ouvir, seguir instruções, prestar atenção e esperar sua vez.” (Professora 03)

Fonte: Os autores

Com base nas entrevistas realizadas com as professoras que atuam com crianças com Transtorno do Espectro Autista, é possível perceber que o diagnóstico pode ser entendido como um ponto de partida para a definição de estratégias pedagógicas adaptadas, que não apenas favorecem a aprendizagem, mas também promovem o desenvolvimento das relações interpessoais, conforme destaca a Professora 01.

Por sua vez, a Professora 02 reconhece a heterogeneidade do espectro e aponta que o impacto do diagnóstico está diretamente relacionado ao nível de suporte oferecido e à capacidade da escola de se adequar às necessidades individuais dos estudantes. Ela também menciona que, embora alguns alunos com TEA possam apresentar altas habilidades em áreas específicas, outros enfrentam desafios significativos, especialmente nas funções executivas.

A Professora 03 aprofunda a análise ao descrever detalhadamente as dificuldades iniciais de comunicação e interação social enfrentadas pelos alunos autistas, ressaltando a importância do trabalho realizado na sala multifuncional, com o uso de estratégias lúdicas, visuais e interativas para o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas.

De modo geral, as falas evidenciam que o diagnóstico precoce, aliado a uma intervenção educacional qualificada e individualizada, é essencial para promover a inclusão efetiva e o pleno desenvolvimento dos alunos com TEA no contexto escolar. Em todo caso, após o diagnóstico, a escola desempenha um papel crucial no apoio às famílias, devendo promover ações que garantam o desenvolvimento integral, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer, a partir da criação de um ambiente escolar acolhedor e seguro, onde as crianças se sintam valorizadas e protegidas.

Além disso, a escola deve preocupar-se em orientar, acolher e amparar as

famílias, facilitando seu acesso a ações e serviços que atendam integralmente às necessidades de saúde das crianças autistas, o que envolve o encaminhamento para atendimentos multiprofissionais capazes de fornecer suporte adequado.

4.2 Comunicação escola-família: barreiras e possibilidades para educar alunos com o TEA

A inclusão educacional impõe múltiplos desafios às instituições escolares, às famílias, aos profissionais diretamente envolvidos no atendimento educacional especializado de estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação, bem como à sociedade em seu conjunto. Dentre esses desafios, destaca-se a comunicação como um eixo central.

Muitos responsáveis, ainda imersos em contextos de insegurança ou desconhecimento, acabam por manter seus filhos em ambientes restritos, muitas vezes reclusos ao espaço doméstico, em virtude do medo do preconceito e da ausência de estratégias de enfrentamento, o que, por sua vez, contribui para a intensificação da exclusão e da marginalização social desses educandos.

Contudo, quando a escola estabelece ações sistemáticas e articuladas por meio de um canal de diálogo estruturado e contínuo com as famílias, torna-se possível constituir práticas pedagógicas mais sólidas, integradas e efetivas, contribuindo para a formação integral de crianças e adolescentes público-alvo da educação especial.

Tal fato ressalta a importância de ouvir ativamente as famílias, considerando-as parceiras fundamentais no processo educativo. Nesse sentido, a escuta da mãe de uma aluna com Transtorno do Espectro Autista torna-se essencial para compreender como se configuram, na prática, essas relações comunicativas entre escola e família.

Ao perguntar “Como você descreveria a comunicação entre sua família e a escola em relação às necessidades e ao desenvolvimento da sua filha?”, busca-se identificar se há, de fato, um diálogo estabelecido e contínuo, capaz de refletir as ações pedagógicas adotadas e de potencializar o atendimento às especificidades da aluna.

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

Quadro 04 – A comunicação entre a família e a escola

Categoria	Descrição	Trecho da Entrevista
Comunicação aberta e transparente	Troca clara e sincera de informações entre escola e família.	"Eu diria que a comunicação com a escola é bastante aberta e transparente."
Monitoramento constante do aluno	Informações frequentes sobre o comportamento e progresso da aluna.	"As professoras sempre me mantêm informada... nas crises que eventualmente acontecem ou em qualquer mudança no comportamento dela..."
Participação ativa da família	Envolvimento da família em reuniões e na compreensão das estratégias.	"...também participo das reuniões regularmente, o que me ajuda a entender melhor o progresso dela e as estratégias usadas na sala de aula."
Parceria para o apoio ao aluno	Colaboração mútua para garantir o melhor suporte educacional.	"Sinto que estamos trabalhando juntas, em parceria, para oferecer o melhor apoio possível para minha filha..."

Fonte: Os autores

O depoimento da mãe revela uma relação comunicativa eficaz entre família e escola, caracterizada por abertura, transparência e compromisso mútuo com o desenvolvimento da aluna com Transtorno do Espectro Autista. A frequência das atualizações por parte das professoras, tanto em relação às conquistas quanto aos desafios enfrentados pela criança, denota a presença de um canal de diálogo contínuo e sensível às especificidades da estudante.

A iniciativa das educadoras em realizar contatos sempre que identificam alterações no comportamento, bem como a participação ativa da mãe nas reuniões escolares, indicam uma corresponsabilidade consolidada na busca por práticas pedagógicas inclusivas e responsivas.

Nesse contexto, a interação entre pais e filhos se baseia na comunicação e no diálogo, onde os pais orientam e assumem a responsabilidade pelos resultados, tanto positivos quanto negativos, de seus filhos. O sistema educacional, por sua vez, assume um papel de grande importância, sendo visto pelos pais como

instrumento fundamental para a integração dos filhos na sociedade. A escola também passa por transformações decorrentes desse processo de reconfiguração das relações com a família.

Assim, quando existe concordância entre pais e escola em relação ao conteúdo, método e qualidade do ensino oferecido, os filhos tendem a apresentar desempenho satisfatório, e as relações entre família e escola são consideradas positivas. No entanto, resultados insatisfatórios, conflitos entre o currículo escolar e a educação doméstica, ou problemas individuais ou institucionais podem indicar dificuldades nas relações entre família e escola, ressaltando a importância da comunicação e do alinhamento entre ambas as partes para garantir um ambiente propício ao desenvolvimento educacional e pessoal dos alunos.

Na escola pesquisada, a relação entre família e escola apresenta-se de forma bilateral, ainda que permeada por desafios inerentes à comunicação e ao alinhamento de responsabilidades. Diferentemente de uma comunicação unidirecional, que ocorre quando a instituição escolar se aproxima das famílias apenas diante de problemas disciplinares ou de aprendizagem, atribuindo a elas a exclusividade da resolução, observa-se a necessidade de um diálogo contínuo e recíproco para fortalecer a parceria educativa.

A comunicação unilateral, ao transferir integralmente a responsabilidade para os pais, tende a gerar um ambiente de desconfiança e distanciamento, prejudicando o vínculo fundamental entre as partes. Nesse sentido, destaca-se que a educação infantil é uma tarefa compartilhada, demandando cooperação mútua para promover o desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos alunos.

Corroborando essa perspectiva, Silveira e Wagner (2009) apontam, em sua análise sobre a interação entre família e escola diante de desafios comportamentais, uma percepção comum entre professores e familiares de que a escola exerce um papel mais eficaz no cuidado das crianças do que as famílias, possivelmente em função da suposta falta de preparo técnico destas últimas.

Tal visão reflete uma expectativa social arraigada, que atribui à escola não apenas a função de ensino, mas também de cuidado integral durante o período escolar. Essa expectativa pode estar associada a fatores como a ampliação da educação em tempo integral e a crescente necessidade dos pais de conciliar

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

trabalho e responsabilidades familiares, reforçando a importância de um trabalho colaborativo entre família e escola que respeite e potencialize as contribuições de ambas as partes.

Diante desse contexto, torna-se fundamental compreender como a escola atua para estabelecer e fortalecer canais de comunicação com as famílias, especialmente no caso de alunos autistas, cujas especificidades demandam atenção pedagógica individualizada e estratégias de acompanhamento mais estreitas.

A pergunta direcionada às professoras — "De que forma a escola promove a comunicação e o envolvimento da família no processo educativo dos alunos autistas?" — busca justamente evidenciar as práticas adotadas pela instituição no sentido de construir uma parceria efetiva com os responsáveis, promovendo um diálogo contínuo, acolhedor e colaborativo.

Assim, as professoras acrescentaram as seguintes categorias:

Quadro 05 – a promoção da comunicação e o envolvimento familiar por parte da escola

Categoria	Descrição	Trecho da Entrevista
1. Diálogo Contínuo e Parceria Ativa	Comunicação diária ou rotineira para compreender necessidades e assegurar apoio mútuo entre família e escola.	"A parceria escola família se faz necessária pelo fato do acompanhamento ser contínuo... daí se faz importante diálogo diário ou rotineiros para que a comunicação ocorra de maneira eficaz." (Professora 01)
2. Promoção da Participação por Eventos	Realização de feiras, oficinas e encontros sociais para fortalecer vínculo e participação da família.	"A estratégia pedagógica deve ser feita promovendo eventos escolares que incentivem a participação da família como feiras, oficinas e encontros sociais..." (Professora 02)
3. Diversidade e Valorização das Estratégias Comunicativas	Uso de múltiplos canais de comunicação e reconhecimento do conhecimento familiar; planejamento conjunto.	"Pode ser feita por meio de reuniões, troca de e-mail ou de grupos de mensagem... oferecer formação conjunta, planejar e conduzir a aula juntos... promover a socialização." (Professora 03)

Fonte: Os autores

As professoras sinalizam a importância da parceria escola-família, especialmente no contexto da educação de alunos autistas, destacando diferentes

dimensões dessa interlocução imprescindível, por meio do acompanhamento contínuo e do diálogo diário ou rotineiro. Esse diálogo permite que o professor compreenda as demandas cotidianas dos estudantes e receba apoio pedagógico familiar, ressaltando o caráter dinâmico e interativo dessa relação.

Observa-se também a promoção de eventos escolares, como feiras, oficinas e encontros sociais, como estratégias para fomentar o engajamento familiar, reforçando a conexão entre escola, aluno e responsáveis, o que contribui para um ambiente educacional inclusivo e acolhedor.

Contudo, conforme apontam Cruz e Santos (2008), em muitos contextos, os pais são convocados apenas para lidar com questões negativas ou problemas relacionados aos filhos, em vez de serem incluídos em discussões sobre aspectos positivos ou para contribuir com sugestões construtivas. Essa abordagem reativa da escola revela uma comunicação unilateral, centrada nos aspectos negativos do desempenho ou comportamento dos alunos. Tal postura limita a iniciativa de envolver os pais de forma mais abrangente na vida escolar, o que pode gerar desconfiança e distanciamento entre escola e famílias, restringindo o potencial de colaboração e apoio mútuo imprescindíveis para o sucesso acadêmico e o bem-estar dos estudantes.

Por outro lado, a Professora 03 destaca a importância da utilização de múltiplos canais de comunicação (reuniões presenciais, e-mails, grupos de mensagens) e da valorização do conhecimento conjunto entre família e escola. Ela sugere uma atuação colaborativa no planejamento e adaptação do ensino, que respeite a individualidade do aluno autista, sem segregação ou diferenciação que comprometa sua socialização. Essa interação mais intensa entre família e escola se caracteriza pela presença ativa dos pais no ambiente escolar, maior participação em atividades específicas, individualização das interações entre familiares e professores, ampliação dos canais de comunicação e envolvimento direto da criança nesse processo.

No âmbito desta pesquisa, para além de compreender como escola e família atuam diariamente no processo de inclusão, busca-se entender de que maneira o diagnóstico de autismo altera a participação da família na vida escolar. Assim, foi

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

realizada a pergunta: “Você percebe alguma mudança na participação dos pais na vida escolar após o diagnóstico?”

Quadro 06 – percepções das docentes sobre as mudanças na participação dos pais após o diagnóstico

Categoria	Descrição	Trecho da Entrevista
Aumento do cuidado e envolvimento familiar	Pais passam a ser mais cuidadosos e participativos no processo educacional dos filhos com TEA.	“Sim, os pais tornam-se mais cuidadosos mas participativos e interessadas com o processo educacional de seus filhos com TEA” (Professora 01).
Busca por diálogo e adaptação pedagógica	Famílias buscam maior proximidade e diálogo com a escola para garantir adaptações e acompanhamento.	“Os pais buscam um diálogo mais próximo com os professores a coordenação para garantir adaptações adequadas e acompanhar o processo do aluno...” (Professora 02).
Acompanhamento sistemático e apoio social	Existência de acompanhamento familiar por equipes especializadas que promovem reflexão e transformação.	“Sim existe acompanhamento sistemático das famílias realizado por equipes do centro de referência de assistência social e dos centros de referência especializada de assistência social...” (Professora 03).

Fonte: Os autores

Nota-se que o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) desencadeia uma transformação significativa na participação familiar no contexto escolar, conforme evidenciado pelas percepções das professoras entrevistadas. De modo geral, observa-se que os pais se tornam mais cuidadosos, participativos e interessados no processo educacional dos filhos, adotando uma postura proativa no acompanhamento das necessidades específicas da criança. Essa participação manifesta-se sobretudo na busca por um diálogo mais próximo e constante com os professores e a coordenação escolar, com o objetivo de garantir adaptações pedagógicas adequadas que favoreçam o desenvolvimento do aluno.

Além disso, as famílias frequentemente recorrem a terapias complementares, metodologias de ensino diferenciadas e suporte especializado, demonstrando um engajamento ampliado que transcende o ambiente escolar. Paralelamente, destaca-se a atuação das equipes dos centros de referência de

REMUNOM, v.19, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/b3rwg087

assistência social, que realizam acompanhamento sistemático das famílias, proporcionando espaços para reflexão sobre a realidade vivenciada, o fortalecimento das relações familiares e comunitárias, bem como a construção de novos projetos de vida.

Dessa forma, a participação familiar no processo educacional de alunos com TEA revela-se multifacetada, integrando cuidados afetivos, ações colaborativas e suporte intersetorial, configurando-se como elemento fundamental para a efetivação de práticas inclusivas e para o desenvolvimento integral da criança.

Essa participação frequentemente se intensifica, manifestando-se não apenas pela presença mais ativa dos pais nas atividades escolares, mas também pela diversificação e ampliação dos canais de comunicação entre família e escola. Tal envolvimento colaborativo valoriza o conhecimento compartilhado e possibilita o planejamento e a adaptação do ensino de forma individualizada, respeitando a singularidade do aluno autista, sem recorrer a práticas segregativas que comprometam sua socialização. Assim, observa-se uma mudança significativa na dinâmica relacional entre os envolvidos, promovendo uma corresponsabilização que fortalece o processo inclusivo e o desenvolvimento integral da criança.

Nesse sentido, a relação entre família e escola constitui uma fonte fundamental de apoio e colaboração; entretanto, quando marcada por conflitos, pode resultar em um ambiente pouco favorável ao crescimento e desenvolvimento dos alunos. Essa realidade evidencia a necessidade premente de aprimorar a comunicação e a cooperação entre ambas as partes, com o objetivo de construir um ambiente mais harmonioso e propício ao desenvolvimento educacional e pessoal dos estudantes.

Sobrinho e Alves (2013) observaram que as interações entre família e escola ocorrem predominantemente de forma complementar, sendo os modos de participação e envolvimento dos pais na educação dos filhos determinados pela própria instituição escolar.

Cada uma dessas instituições desempenha um papel distinto, porém interligado, na educação das crianças. Por outro lado, percebe-se que as formas de participação e envolvimento dos pais são influenciadas e condicionadas pelas práticas e políticas adotadas pela escola. Isso ressalta a importância do ambiente

escolar e das políticas educacionais na forma como os pais se engajam e participam da educação dos filhos, destacando a necessidade de uma abordagem colaborativa entre família e escola para promover o desenvolvimento educacional e pessoal dos alunos.

5. Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a comunicação entre escola e família, no contexto da educação de alunos com TEA, não pode ser compreendida como um elemento acessório, mas sim como um pilar estruturante para o sucesso da inclusão escolar. O diagnóstico do autismo, ao mesmo tempo em que esclarece as necessidades específicas do educando, demanda sensibilidade institucional para evitar estigmatizações e fomentar uma parceria efetiva e respeitosa entre os atores envolvidos no processo educativo.

Superar barreiras comunicacionais implica investir em práticas dialógicas fundamentadas na escuta ativa, no respeito às experiências familiares e na construção coletiva de estratégias pedagógicas. A colaboração entre escola e família deve extrapolar reuniões pontuais, configurando-se como um processo contínuo e intencional que envolva o planejamento pedagógico, o acompanhamento do desenvolvimento e a avaliação conjunta dos resultados. É imprescindível que essa interação seja pautada pela confiança mútua, transparência e pela valorização do conhecimento e da vivência dos pais e responsáveis, elementos fundamentais para garantir que as práticas adotadas atendam às especificidades e singularidades de cada estudante.

A inclusão de estudantes com TEA requer que o ensino regular incorpore metodologias flexíveis e sensíveis à diversidade, assegurando não apenas o acesso, mas também a permanência e a participação significativa desses alunos. Tal compromisso exige formação docente continuada, capacitação técnica e humanística, reorganização institucional e a implementação de políticas públicas coerentes com os princípios da educação inclusiva. Além disso, é fundamental que as escolas promovam ambientes acolhedores e seguros, que favoreçam a

socialização, o desenvolvimento das habilidades comunicativas e a autonomia dos estudantes com TEA, garantindo-lhes uma trajetória educacional digna e equitativa.

Ademais, o papel dos centros de referência e serviços intersetoriais de assistência social destaca-se como importante suporte para as famílias, proporcionando acompanhamento, orientação e fortalecimento das redes de apoio necessárias para enfrentar os desafios cotidianos impostos pelo diagnóstico. Essa articulação entre educação, saúde e assistência social é essencial para que o processo de inclusão seja integral, considerando o aluno em sua totalidade e contexto.

Portanto, promover uma comunicação efetiva entre família e escola significa investir na transformação cultural da comunidade escolar, reconhecendo a diferença como um valor a ser respeitado e a parceria como caminho para uma educação mais justa, humana e comprometida com a equidade. É por meio dessa construção coletiva que será possível avançar na superação das desigualdades e na garantia dos direitos educacionais de crianças e adolescentes com TEA, promovendo não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas o pleno exercício da cidadania e da inclusão social.

Por fim, torna-se urgente que gestores, educadores e formuladores de políticas públicas estejam atentos às demandas específicas dessa população, comprometendo-se com a construção de um sistema educacional que valorize a diversidade, fortaleça as relações entre família e escola e fomente a inclusão em todas as suas dimensões, para que todos os alunos tenham oportunidades reais de aprendizagem e desenvolvimento pleno.

Referências

ALMEIDA, Maíra Lopes. NEVES, Anamaria Silva. A escuta psicanalítica da família frente ao diagnóstico de autismo da criança. **Ágora (Rio de Janeiro)** v. XXIII n.3 Setembro/dezembro 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da **Base Nacional Comum Curricular** Educação. Brasília,

2018.

CARNIEL, Thais Carolina Albach. **Adaptação ao diagnóstico e expectativa familiar sobre autonomia de filhos com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista**. Dissertação de mestrado apresentado ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Curitiba 2022.

COLOMÉ, Carolina Schmitt. DANTAS, Cândida Prates, IZOLAN, Luana da Costa, ZAPPE Jana Gonçalves. Redes Sociais Significativas Maternas: Significados e Movimentos Diante do Autismo. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2024 v. 44, e 261546, 1-16. https://doi.org/10.1590/1982-3703003 261546. Disponível em www.scielo.br/pcp.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jun. 2013.

CORREIA. **Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2013.

DANELUZ, Mariluci. **Escola e família: duas realidades, um mesmo objetivo.** In: I Simpósio Nacional de Educação e XX Semana da Pedagogia. Cascavel: Unioeste, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2011.pdf >Acesso em 16 dez. 2020.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Ribeirão Preto: Paidéia. Vol. 17. n. 36. Jan/Abr. 2007. Disponível em: <http://ww.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003>. Acesso em 09 jan. 2021.

FADDA, Gisella Mouta Fadda. CURY, Vera Engler Cury. A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** 2019, v.35, n.esp, e35 nspe2. Disponível em: DOI: https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira.** São Paulo: Cortez Editora, 2004. Disponível em: www.scielo.org/cgi-bin/scielo. iah/?inclusao%20escolar. Acesso em: 11 jan.2021.

GOMES, Suzana dos Santos. **Políticas de Avaliação Externa e Interna: Desafios e Perspectivas**. In: GOMES, Suzana dos Santos; QUARESMA, Adilene Gonçalves. Políticas e Práticas na Educação Básica e Superior: desafios da

contemporaneidade. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér**. Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2009.

MERLLETI, Cristina. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. **Psicologia USP**2018 I volume 29 I número 1 I 146-151. Disponivel em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170062>.

PINTO, R. N. M.; TORQUATO, I. M. B.; COLLET, N.; REICHERT, A. P. S.; SOUZA NETO, V. L.; SARAIVA, A. M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev Gaúcha Enferm.** 2018 set;37(3):e61572. doi: http://dx.doi.org/10.1590/1983 1447.2016.03.61572.

RIBEIRO, Leticia Vanderlei. **O diagnóstico de autismo nas famílias e a promoção da saúde: as vivências das mães.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Saúde Coletiva. Fortaleza – CE NOVEMBRO – 2019.

SILVA, Scheila Borges. **O autismo e as transformações na família.** Santa Catarina, 2009.

SILVEIRA, Dalila Andrade; WAGNER, Maria Cláudia Gouvêa. Família e escola: A interação frente aos desafios comportamentais. **Revista Psicologia**: Teoria e Prática, v. 11, n. 2, p. 57-65, 2009.

SULZBACH, Sandra Laura Frischenbruder**. Sobrecarga materna nos cuidados de crianças com transtorno do espectro do autismo.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Ginecologia e Obstetrícia, como requisito parcial para obtenção do título de doutor. Porto Alegre, 2019.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família e escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.